

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**ARQUI-TECTÔNICA
DA MENSAGEM
DO NOVO SIGNO DO TEMPO**

Conceitos vertidos pelo autor por ocasião da abertura do

I CHI

Primeiro Congresso Holístico Internacional

Primeiro Congresso Holístico Brasileiro

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



ARQUI-TECTÔNICA DA MENSAGEM DO NOVO SIGNO DO TEMPO

IN-VOCAÇÃO

Como os antigos peregrinos do saber, desde diferentes lugares do planeta, com diferentes vestes e linguagens, estamos aqui reunidos no coração da terra americana, participando de um mesmo Ideal de transcendência, animados por um mesmo sentido de totalidade e, quem sabe, guiados por uma mesma **Voz** que nos **con-voca** para uma cerimônia fundacional.

Vimos aqui, junto aos seres invisíveis que nos acompanham, para sermos prot-agonistas de um maravilhoso acontecimento de iniciação.

Os filósofos contemporâneos da cultura nos falam do “fim da história”, do “ocaso dos deuses”. Mas, qual é o signo do novo tempo? Quem são os novos deuses? Como se revelam os novos valores?

Pela solenidade da hora, pelos graves perigos que nos ameaçam, pela urgência do chamado, a debilidade de nossas forças e a grandeza do compromisso, sinto, **antes** de toda palavra, **antes** de toda introdução ao tema que nos convoca – sinto, volto a repetir, uma imperiosa necessidade de **silêncio**, de interioridade, de “in-vocação”.

In-voquemos juntos, com a força de um só “corpo”, a Presença genesíaca que se oculta em nossos corações para que, **antes** de abordar o enfoque transdisciplinar do conhecimento, **antes** de traçar as grandes linhas da obra, nos conceda o **dom** de sentir-**nos** “reunidos em União”.

Já não é tempo de palavras, de teorias, de promessas. É hora de “presença operativa do Ser”. É hora de dar “testemunho” do que sabemos, sentimos e somos.

Depois desta breve introdução, tratemos de ver como se inscreve o paradigma holístico na trama conceitual da mensagem do novo signo do tempo.

Traçaremos algo assim como uma “cartografia da mensagem”, tomando como referentes alguns “conceitos/síntese” que poderiam nos servir como guias de orientação.

NOVO SIGNO DO TEMPO

Muitas das mensagens chamadas ‘de futuro’ que circulam pelo mundo são mensagens de uma velha época, mensagens do mundo de ontem que não servem para o mundo de hoje. São mensagens que foram pronunciadas por outros homens, em outro tempo e em outro mundo e elas continuam sendo repetidas, ainda que esses homens e esse mundo já estejam mortos. São como essas vozes gravadas dos astronautas que morreram no espaço, presos em suas cápsulas. Vozes que continuam ressoando como espectros verbais daqueles que as pronunciaram, palavras mortas que perderam contato com o alento primigênio da Vida. São vozes sem mensagem.

O que é mensagem?

Entendo por mensagem um “acontecimento” que marca a direção do tempo, mas que transcende o próprio tempo.

*A mensagem do novo signo do tempo não é um paradigma, é um
“acontecimento paradigmático”.*

Tal como eu o sinto dentro de mim mesmo, o código genésico da mensagem (sua gramática implícita) é pronunciado como **Ideia**, é vivido como **Lei** e se in-screve como **Signatura**.

A Mensagem Como Ideia

O interrogante fundamental de nosso tempo é: como decifrar a mensagem do novo signo do tempo. Como se descobre? Como se de-cifra o código da nova Ideia?

Não se descobre nem se de-cifra. Revela-se!

Estamos em presença de uma nova revelação

Não uma revelação feita doutrina, dogma, igreja, guru, mas “revelação/comoção”. A “cadeira perigosa”.

A revelação é Voz profética por natureza. “Som primordial”.

Palavra que é antes do tempo, mas que se in-screve no tempo como “signatura” da vida e “sentido” da história.

Existe no mundo de hoje alguma “palavra/ritmo” que se trans-screva na matéria como “código fon-ético” do novo signo do tempo?

Sim, existe, mas temos dificuldade para reconhecê-la. Torna-se difícil para nós escutar a Voz da mensagem, em meio à multidão de vozes sem mensagem.

Buscamos o conteúdo ideológico da mensagem, em lugar de sintonizar-nos com a própria mensagem.

A mensagem pós moderna não é ideológica, é “vibratória”.

Da doutrina da revelação, passamos à “experiência” da revelação. A revelação pós moderna deixa de ser tema reservado à mensagem profética, à iluminação mística ou à especulação teológica, para fazer-se “método” de investigação científica e “experiência” da vida cotidiana. Já não estamos aqui no terreno da teoria da mensagem, mas no campo da “operatória” da mensagem.

Operatória da mensagem. A mensagem como lei

A mudança de paradigma que observamos na ordem do pensamento não faz mais que refletir uma mudança de “lei” na ordem da vida. O próprio acontecimento paradigmático de iniciação inaugura um novo tempo e introduz uma nova lei. Não se trata de uma questão ideológica ou doutrinária, mas de um novo estado da matéria viva. Nosso meio interno mudou seu ritmo vibratório, nossa própria fisiologia sofre o impacto de uma “lei” que ainda não compreendemos. E muito de nossa patologia atual é a sombra de uma matéria que resiste a entrar no ritmo de funções mais elevadas da vida.

O fundamento transcendente desta nova lei revela-se como nova aliança

Nova Aliança é “vínculo entre mensagem-e-mensageiro”, “palavra de enlace” entre o arcano transcendente do Ser e a trama tectônica da vida (configuração arqui-tectônica da mensagem).

Só conhecemos aspectos parciais desta Aliança. Aliança de Deus com o homem? (“Contigo farei eu minha aliança” Gên. 5:18) Pacto social? Aliança matrimonial? Relações matemáticas de aliança entre partículas subatômicas? Alianças moleculares? Alianças genéticas? Alianças espirituais?

A chave da revelação pós moderna é haver revelado a Unidade da lei da Aliança, integrando em uma mesma ‘equação de campo’ a dimensão transcendente da consciência humana e as leis fisioquímicas da matéria cósmica.

Mas, como se passa desta visão iluminativa da Aliança – se é que podemos chamá-la assim – à experiência profunda dentro de si mesmo, que “sela” a aliança entre os bens da alma e a química da vida?

Este salto de uma nova dimensão de vida¹ se realiza por um “pacto secreto de renunciamiento”.

A doutrina do renunciamento foi revelada sob diferentes formas na tradição espiritual de Oriente e do Ocidente. Mas a revelação pós moderna nos permite passar da doutrina da renúncia à “lei” da renúncia.

Diz o Evangelho: “Porque quem quiser salvar sua vida, a perderá; mas quem perder sua vida por amor a Mim, a salvará” (Lc. 9:24).

Esta estreita correlação entre a “ascética” do renunciamento e a “mística” do amor está implícita nas diferentes tradições da humanidade. Mas, mais de uma vez, a prática unilateral da ascética da renúncia conduziu à rigidez humana e à negação do mundo e da vida. Recordemos a súplica de Ramakrishna: “Mãe, não me tornes um asceta duro”. Por outro lado, se bem que a lei universal continue sendo a mesma, o “impacto vibratório” da mensagem do novo signo do tempo é diferente. Até ontem mesmo, ainda se podia tentar ‘salvar’ a vida (ainda com o risco de perdê-la). Mas o novo signo do tempo **nega** essa opção, porque pela própria aceleração da dinâmica da vida, o homem é **despojado** da “posse” dos bens que quer salvar, **antes** que tenha tempo de conservá-los.

A “lei” do meio cósmico, transferida ao mundo interior, impõe hoje ao homem uma dança diferente. O bem reconhece e assume a lei da renúncia como renovação-e-transcendência da vida (por dissipação de entropia e transcendência

do tempo) ou então a nega e padece as consequências como morte-em-vida (ficando fora do tempo):

*Alternativa existencial entre um ramo que ascende e outro que
descende.*

A mensagem da renúncia já não é formulada hoje como negação do mundo e da vida, mas como “função transcendente da própria vida”. Já não se trata de perder o mundo para salvar a alma, mas de negar-se a perder a liberdade interior, que é o que ocorre quando a vida se cristaliza em uma forma. Esta “negação/renunciamento” já não se realiza por um princípio lógico de contradição e sim, por sentido analógico de reversibilidade. Este “giro interior da força” é a mudança de paradigma que imprime novo ritmo à fisiologia do homem cósmico que nasce. **Já não estamos falando aqui de um novo ideal para sustentar a vida, mas de uma nova vida para sustentar o ideal.** Da teoria da mensagem, passamos à “signatura” da mensagem.

Signatura da Mensagem

O que é signatura? Não são palavras levadas pelo vento, mas a verdade **cunhada**, plasmação do código da mensagem na matéria do corpo, impressão da voz in-sonora da consciência na delicada rede de nossa biologia molecular.

Quem sabe, seja isto o mais difícil de captar na operatória da mensagem, mas me atrevo a dizer que a chave do futuro não está em uma nova ideia, mas em uma nova **molécula**.

A síntese de uma molécula privilegiada (pensemos na clorofila, na hemoglobina, no ADN) **inicia** etapas completamente novas no desenvolvimento co-evolutivo da vida. São “moléculas vínculo”, divisas de intercâmbio, suportes químicos de Aliança que enlaçam mundos e dimensões diferentes. E disto se trata agora, de manter aceso o fogo da Aliança, de sustentar o delicado e frágil

metabolismo de espírito/matéria, da nova fisiologia humana. Isto requer uma “molécula analógica” para que, por reversibilidade da própria dinâmica molecular, o homem possa in-corporar energia espiritual em troca de bens materiais. Entramos aqui na **energ-ética** da Aliança, no poder morfogenético dos valores, na “signatura da mensagem”.

Conquistada a energia atômica e a energia de informação, avançamos agora em direção à **liberação da energia humana**.

Um tremendo caudal energético se encontra aprisionado na matéria viva do ser humano, por um materialismo irreflexivo e devorador. Tudo é transformado hoje em bens de consumo. Com a mentalidade possessiva do homem atual, as conquistas da ciência e da tecnologia são postas de imediato a serviço dos centros de poder político e econômico. Ou então, degradadas pelo relaxamento de sentido imposto pela massa dominante. A revolução social engole seus próprios filhos. E a mensagem de liberação espiritual, transformada por sua vez em mercadoria de consumo, desemboca na frustração, não por falta de ideal, mas por falta de energia para cruzar a barreira do tempo e o umbral da história.

Assistimos atualmente, na sociedade moderna, a um fenômeno de “implosão de massa”, como o chama Jean Baudrillard², que adquire, dia a dia, maior relevância. Na medida em que cada uno de nós “se torna massa” por uma voracidade possessiva (já se trate de materialismo histórico ou materialismo espiritual), nós nos transformamos em consumidores de energia e devoradores de sentido. No final deste ciclo que se fecha (Idade Obscura, Kali Yuga), a sociedade global, transformada em buraco negro, perdeu a capacidade de refletir a mensagem. A luz da mensagem não chega a deixar sua “pegada” (sua “signatura”) impressa na massa social, por excesso de informação e perda de sentido. Mas, por outro lado, vemos o grande “ponto de mutação”³. Mensagem e contra mensagem na fronteira entre duas dimensões do tempo. Implosão de massa por um lado, incêndio da matéria humana pelo outro.

O “corpo total” da humanidade entrou em um processo de mutação acelerada. A implosão de massa (noite escura da alma da civilização moderna) é só o prelúdio, a “fronteira crítica de fissão” (*nigredo* alquímica) de uma “hierogamia de fusão” que se consuma nos níveis mais elevados do conhecimento-e-do amor.

Corpo alternante

Dinâmica reversiva de um novo organismo planetário

Enquanto tudo parece confuso na superfície da massa social, nas águas profundas da vida palpita já o “germe” primordial do novo homem. É uma “gestação” e uma “gesta”, ao mesmo tempo. Ingresso da luz e desafio da sombra.

Como se manifesta esta “embriogênese” planetária?

- Como revelações individuais profético/científicas.
- Como equipes transdisciplinares de investigação.
- Como radiação espiritual de comunidades místicas.
- Como expansão de consciência através de sacrifício coletivo.

A interação orgânica destes corpos magnéticos de superenergia humana constitui o tecido invisível (trama arquetípica) na qual se apoia a trama sociotectônica da mensagem do novo signo do tempo. Esta conjunção de forças espirituais e materiais está gerando uma poderosa corrente de liberação da consciência que já reconhecemos como mensagem social da renúncia.

A nova sociedade emerge como “campo magnético configurado holograficamente”. É ainda uma sociedade invisível. Suas instituições são

“protoformas de ressonância” que começam a manifestar-se como traços sutis de um rosto que advém.

Onde descobrir estes traços de futuro?

- Nos rostos luminosos das novas gerações.
- Na “ecofamília”.
- Na comunidade planetária do saber.
- Na alma dos novos povos da terra.

A Família do Futuro

Campo genesíaco por transmutação da energia sexual. Do casal biológico ao matrimônio espiritual. Das relações de parentesco à “ecofamília”⁴. Educação das novas gerações por plasmação de traços. Da genética terrestre, à herança cósmica.

Universidade de Síntese⁵

Plasmação do saber. Um novo magistério. Pedagogia por transmissão dos traços humanos. Integração do caminho do conhecimento e do caminho da vida. Formação das gerações de estudantes-aprendizes.

Comunidade planetária socioespiritual

Para além dos modelos sociopolíticos esgotados que marcam o fim da era de massa, emerge um organismo sociotécnico e sociotelúrico que constitui um novo “meio” para o desenvolvimento humano. Já estamos vivendo nos tecidos deste novo corpo, mas ainda não conhecemos as leis orgânicas de suas interações metabólicas. Por outro lado, ainda não existem as instituições adequadas à medida do homem, os novos “órgãos” que tornem possível o funcionamento da

consciência na atmosfera mais sutil para a qual já foi deslocado o centro de gravitação da vida.

Precisamente, nossa tarefa como antecipadores do terceiro milênio, é dar nossa contribuição para que estes “germes de futuro no homem”⁶ alcancem a plenitude de seu desenvolvimento.

EXORTAÇÃO

Se, ao começar este trabalho de síntese, lançávamo-nos para dentro (prólogo de **In**-vocação), agora, ao chegar ao final do discurso, lan  amo-nos para fora (epílogo de **Ex**horta  o).

Em meu modo de ver, e assim como eu o sinto, existem três “umbrais críticos” que a humanidade de hoje necessita cruzar, para aceder   revela  o da mensagem do novo signo do tempo. Cada um deles   um enigma e uma prova diferente; “rito de passagem” entre o homem terrestre e o homem cósmico.

- Desmascarar o poder da sombra.
- Descobrir o cosmos habitado.
- Reconhecer o rosto que adv  m.

O primeiro “guardião do umbral”   nossa própria **sombra**, o mal que atribuímos aos demais e que não reconhecemos como próprio.   o horror dos campos de concentra  o, das câmaras de tortura, do desequilíbrio ecológico, das enfermidades sociais.

O cruzamento do umbral da sombra requer hoje um novo “sacrifício”. Este sacrifício já não   só individual (o das almas nobres que oferendam suas vidas em

holocausto de amor), mas que assume a forma de um sacrifício coletivo: o “sacrifício cotidiano dos inocentes”.

O segundo “guardião” é o custódio da natureza invisível, de uma **segunda natureza** que a ciência começou a investigar em seus aspectos fenomênicos de física quântica e biologia molecular, mas cuja alma nos escapa. Conhecemos um cosmos dinâmico, integrado por ecossistemas co-evolutivos, mas sem “ninguém” que o habite.

O contato e a colaboração inteligente e solidária da humanidade com outros níveis de consciência cósmica é fundamental para quebrar a barreira de isolamento que a mente racional nos impõe.

O terceiro “guardião do umbral” é a **máscara** de nós mesmos, a “esfinge de pedra” de cada um dos rostos que formam as multidões sem rosto. Tornamo-nos estranhos uns para os outros (fracasso do humanismo, do individualismo, do socialismo). “Onde está Abel, teu irmão?” “Não sei. Sou acaso o guardião de meu irmão?” É a unidade perdida. Para cruzar esse umbral já não bastam os amores da terra, é preciso “remontar a superfície da água”, desfazer por dentro os compostos de diferenciação, recuperar a pureza do olhar. Então, descobriremos o mistério da transfiguração, a Presença luminosa de um rosto que advém, o campo de força da nova humanidade.

Esta nova humanidade começa a adquirir um “peso” significativo no planeta. Não se trata de um poder político, econômico ou de hierarquia social ou religiosa, mas de um potencial de radiação de energia e expansão de consciência. Mas, para quebrar a resistência da matéria do passado, precisamos alcançar uma “massa crítica” – se é que podemos falar assim – de ‘combustível humano’ que, por renúncia e sacrifício, libere a energia necessária para **cruzar nossa própria sombra**.

RESUMO

Muitas das mensagens chamadas de futuro que circulam pelo mundo são mensagens de uma velha época, mensagens do mundo de ontem que não servem para o mundo de hoje. São vozes sem mensagem.

A mensagem do novo signo do tempo não é um paradigma, mas um “acontecimento paradigmático de iniciação”.

*Como se descobre esta nova mensagem? Não se descobre nem se decifra.
Revela-se!*

A mudança de paradigma que observamos na ordem do pensamento não faz mais que refletir uma mudança de “lei” na ordem da vida. O próprio acontecimento paradigmático inaugura um novo tempo e introduz uma nova lei. Não se trata de uma questão ideológica ou doutrinária, mas de uma “Nova Aliança”, “vínculo entre mensagem-e-mensageiro”, “palavra de enlace” entre o arcano transcendente do Ser e a trama tectônica da vida (configuração arquitectônica da mensagem).

Bibliografia

1. Lazarte, Omar, “*Una Nueva Dimensión de Vida*”, Ed. ADCEA, Bs. As., 1972.
2. Baudrillard, Jean, “*A l’ombre des majorités silencieuses- Le fin du social*”, Denoël/Gonthier, París, France, 1982.
3. Capra, Fritjof, “*O ponto de mutação*”, Ed. Cultrix, São Paulo, Brasil, 1986.
4. Landa, Dolores García Télles de, “*La Familia del Futuro: la ecofamilia*”, Ed. Paz, México, 1985.
5. Muñoz Soler, Ramón P., “*Universidad de Síntesis*”, Depalma, Bs. As., 1984.
6. Muñoz Soler, Ramón P., “*Germes de Futuro no Homem*”, Editora de Cultura Espiritual, São Paulo, Brasil, 1978.